

A BATALHA

Director interino: JOAQUIM DE SOUSA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento se-
manal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 me-
ses 28\$50; Africa Portuguesa, 6 meses
60\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00
PAGAMENTO ADIANTADO

A carestia da vida e o proletariado

A carestia da vida é uma triste realidade em todo o país. O proletariado sente-lhe o peso incommensurável e, com os actuaes salários, não pode vencê-la. Tem de reagir e a sua acção será tanto mais difícil quanto mais tarde ela se fizer sentir.

Por toda a parte o povo trabalhador vive num mal-estar insuportável e o comércio, que é quasi sempre constituído por "amigos da pobreza", vai roubando conforme pode.

E' certo que uma parte desse comércio, principalmente aquela que se dedica ao "honroso e simpático mister de mixordeiro" tem sido perseguida. Mas ao povo pouco interessam as perseguições—o que lhe interessa é a almejada baixa do custo da vida.

Não depende apenas da acção governamental a baixa do custo da vida. Nós pouco ou nada acreditamos na efficacia das medidas governamentais. Apenas nelas confiamos um pouco quando resultam de uma forte pressão da opinião pública. E é essa opinião pública que desta vez, a não ser por uma ou outra manifestação isolada, pouco ou nada tem feito por se defender da offensiva dos assambradores e negociantes sem escrúpulos.

Foi a Batalha que deu o primeiro alarme contra o último assalto praticado pelas forças vivas à magra bolsa do povo. Os organismos operários realizaram algumas sessões de protesto. Mas nem sempre elas foram animadas pelo espirito de continuidade e de persistência necessário à grandeza da luta que urge travar.

Verifica-se presentemente que a hesitação do proletariado em defender-se correspondeu um mais repugnante ataque por parte dos ladrões do comércio.

Estamos convencidos de que estas nossas palavras vão chamar a atenção do povo trabalhador e dos respectivos organismos operários de todo o país para um problema que a todos afecta e cuja resolução depende mais de todos nós do que dos outros a quem erradamente confiávamos a defesa dos nossos interesses.

Notas & Comentários

"A Epopeia do Trabalho"

Ferreira de Castro, nosso amigo e colaborador, que tem sido de uma notável actividade literária, acaba de publicar mais um livro: A Epopeia do Trabalho. Consta de uma série de crónicas acerca de vários ramos de actividade humana, escritas numa linguagem moderna, impregnada de uma forte ansia de perfeição.

Palavras e atitudes

Há certas palavras que se devem arquivar pelo valor do pensamento que encerram e pela oportunidade em que são proferidas. As do capitão Jaime Baptista pertencem a esse numero, por isso não podemos deixar de transcrever-las.

"Enquanto existir o 1.º Grupo de Metralhadores—hoje Batalhão de Metralhadores n.º 1—nunca à porta das armas ou em qualquer ponto de defesa a Bandeira Nacional verde-rubra, representando a República."

E' a Bandeira que servirão todos os meus officiaes e sargentos nos movimentos de 18 de Abril, 19 de Julho e 28 de Maio, officiaes e sargentos que não pensam e nunca pensaram em outra coisa que não fosse o exacto cumprimento das suas obrigações militares, ou seja servir o Estado, dignificar a República e sacrificarem-se pela Pátria sem quaisquer proventos que não sejam os que pelas suas situações militares lhe são devidos.

Uma conferência

O dr. sr. José Camões não pôde realizar ontem na nossa sede, por isso o impediu a autoridade, a sua annunciada conferência sobre "Fisiologia do Trabalho", promovida pela Universidade Popular Portuguesa, instituição apolítica cujos serviços prestados à causa da educação popular são tão grandes que o próprio Estado a subsidia e considerou de utilidade pública.

Um programa admirável

para a festa a realizar em Cascais a favor do nosso jornal

Está já elaborado o magnifico programa para a festa que no dia 4 de Dezembro vai realizar-se em Cascais, no Teatro Gil Vicente, a favor de A Batalha.

A comissão organizadora dessa festa, composta de dedicados amigos deste jornal, não se tem poupado a sacrificios. Com a valiosa colaboração da Companhia Araújo Pereira conseguiu formar com ad-

O "ESPADIM PORTUGUEZ"

As razões da nossa campanha e os torvos designios dos monárquicos

Vimos relatando factos que não deixam de apresentar aspectos bem graves a quem se sintia animado por sentimentos de humanidade. Os reaccionarios movem-se na sombra, confiados naquelas circunstâncias que lhes supõem favoráveis aos seus designios liberticidas, fortes na sua cobardia, porque julgam fácil o triunfo de uma causa perdida, tão perdida que já não encontra o mais convencional ou condescendente aplauso na consciência pública. Ao mesmo tempo, esses reaccionarios que altisonavam o seu amor à liberdade, mas sorriam—e continuam sorrindo—dos alarmes que soltamos ao sentir uma condicional liberdade, que os reaccionarios teoricamente defendem perigosamente ameaçada.

Não deixamos, contudo, de agradecer aos reaccionarios "tranquillos e confiados" no futuro, a sua heroica attitude de "abnegação", deixando-nos o encargo de denunciar as manobras conspiratórias dos monárquicos que premeditam o regresso ao passado bárbaro e liberticida.

Assim, andavam os reaccionarios, ora "tristes e torturados", desprecavidos sob a ameaça reaccionaria que impende na sociedade portuguesa. Somos nós que desvendamos essa ameaça, nós, sinceros proselitos da liberdade, perseguidos outrora pelos reaccionarios com o aplauso dos monárquicos, perseguidos num futuro próximo, sem dúvida, ante a indiferença dos reaccionarios. E' nestas circunstâncias desoladoras, to-

O ESPADIM PORTUGUEZ

MILICIA DE ACÇÃO PATRIOTICA E NACIONAL

A SUA ORGANIZAÇÃO

COMPROMISSO DE HONRA: Serviremos com lealdade e em todos os momentos, a Nossa Pátria e o Bem Geral, e Comum, cumprindo todos os deveres impostos para a execução do fim que tem em vista o ESPADIM PORTUGUEZ.—Por isso JURAMOS solenemente pela Nossa Honra, executar fiel, energica e corajosamente, o que para o Bem Comum e da Pátria nos for ordenado.

V Homens livres e agremiados, formam uma Quina e V grupos de Quina, formam a Unidade denominada ESPADIM. Inscrevei o vosso Nome e morada, nestes Quadros, que ficarão secretos.

1.º GRUPO DE QUINA

1.....
2.....
3.....
4.....
5.....

2.º GRUPO

1.....
2.....
3.....
4.....
5.....

3.º GRUPO

1.....
2.....
3.....
4.....
5.....

4.º GRUPO

1.....
2.....
3.....
4.....
5.....

5.º GRUPO

1.....
2.....
3.....
4.....
5.....

OBSERVAÇÕES

Dai a esta Unidade, chamada ESPADIM o nome de uma Villa ou Aldeia Portuguesa.

Escrevei aqui o nome do chefe escolhido d'esta Unidade e a sua morada.

O nome do chefe..... A sua Morada.....

O nome do subalterno escolhido pelo chefe..... A sua Morada.....

ESPADIM..... Regimento..... Legião..... Divisão.....

A. CARMELITA—C. do Sacramento, 99—LISBOA

Não queremos, de maneira alguma, servir o interesse dos reaccionarios, quer eles sejam vermelhos de ira, de sectarismo ou de convicções platónicas, quer eles sejam amarelos de subserviência, de transigencias ou de intenções.

Vivemos numa sociedade tão desordenada, tão desmoralizada, numa sociedade em que a firmeza de caracter e a intransigencia de opiniões são de tal modo raras que facilmente assombram os homens, que o ataque a um erro ou a uma injustiça parece dar a vitória a aqueles que plausivamente, indevidamente, apenas manifestam desacordo com os erros e as injustiças.

Esta degenerescencia social é que nos coloca forçosamente, só porque sincera e desassombradamente amamos a liberdade e a defendemos nas graves circunstâncias sem platonismo e sem indecisão, na contingencia de denunciarmos o perigo monárquico, enquanto a maior parte dos reaccionarios se acomoda e abdica e a outra parte se entretem em murmurios de revolta que não produzem uma affirmacão heroica, um idealismo inquebrantável mesmo ante a nossa critica extremista e desoladora,

miráveis elementos um programa, que muito deve agradar, e que consta do seguinte:

1.ª parte: conferência pelo nosso camarada de redacção Mário Domingues. Representação, pela Companhia Araújo Pereira, da peça em 1 acto, original de Manuel Laranjeira "Amanhã".

2.ª parte: bailado russo pelos apreciados bailarinos Erasto e Aurorita. Representação da comédia de Alberto Insua "O olho de vidro".

3.ª parte: "Maldito Tango", por Aurorita e o bailarino Erasto. Representação, pela Companhia Araújo Pereira, da peça de Cruz Andrade, "Os Degenerados".

4.ª parte: Canção por Aurorita; canções pelo tenor Sales Rodrigues; fado "Mistinguet", por Aurorita; canção nacional por dois consagrados cultores; "Hotel do Pinho", por Aurorita.

Abrihanta esta festa uma grande orquestra composta de eximios músicos sob a regência do maestro António Pedro de Oliveira.

A festa está despertando grande interesse em Tires

TIRES, 25.—Está despertando um vivo interesse nos numerosos leitores e admiradores de A Batalha a festa que se realiza no próximo dia 4 de Dezembro, no Teatro Gil Vicente de Cascais. O programa é incontestavelmente dos melhores e mais atraentes, sendo de esperar que o público de Tires acorra em grande numero ao curioso festival.

Os bilhetes encontram-se na sede do Sindicato da Construção Civil de Tires e em casa do cobrador. Atendendo ao fim a que se destina é de prever que os bilhetes rapidamente se esgotem.—C.

ANGOLA E METROPOLÉ BANCO DE PORTUGAL

As ingenuidades e as ignorâncias dos homens do Banco de Portugal no julgamento de Haia

A grande farça do Angola e Metropole-Banco de Portugal entrou agora numa nova fase; levantou-se o pano para o decurso de um novo acto: o julgamento de Karel Marang.

Decorre o julgamento longe demais para podermos desde já com certa segurança fazer o nosso juizo completo. Limitar-nos hemos a fazer referência a factos cuja veracidade seja fácil de constatar. E mesmo, assim, é-nos grato constatar que no meio desta embrihada em que os mais variados e inconfessáveis interesses se degladiaram numa luta titânica, as informações de A Batalha foram sempre as que mais próximas da verdade se encontravam.

A Batalha foi por várias vezes citada no decurso das audiências do julgamento de Karel Marang. E as referencias que os homens do Banco de Portugal lhe fizeram são duma ingenuidade encantadora, principalmente para nós que em Portugal temos seguido esta formidável questão.

Eutro factos curiosos para comentar não podemos deixar de registar o de o sr. Innocencio Camacho ter affirmado que desconhecia os termos das accusações de A Batalha para no mesmo julgamento asseverar ainda que A Batalha havia sido querelada.

Parece que estas declarações pueris foram inventadas de propósito para enganar os holandeses porque, ao fazê-las, decerto se esqueceu o innocente governador do Banco de Portugal de que os seus colegas, directores do mesmo Banco, se queixaram amargamente ao juiz Alves Ferreira das accusações que lhe fizeram. Mas o sr. Innocencio é tão innocente que tudo olvidou e, para melhor convencer os tribunais holandeses, até affirmou desconhecer as accusações formuladas por nós.

Quem é o homem de brio que, colocado numa situação especial, num lugar de responsabilidade, como é o de governador do Banco de Portugal, não se sente moralmente obrigado a conhecer as accusações que publicamente lhe fazem—principalmente quando essas accusações são de tão grande vulto como as nossas?

Depois os três homens do Banco de Portugal—Innocencio Camacho, Mota Gomes e Fernando Emidio da Silva—são todos dignos uns dos outros. Tudo quanto não lhes convém, desconhecem.

Desconhecem um artigo assinado por Domingos Cruz intitulado "Novos alentos" e publicado no jornal A Provincia de Angola de 14 de Novembro de 1925, acerca do Banco Angola e Metropole; Emidio da Silva também desconhece um diploma inserto no Boletim Oficial de Angola, autorizando o Angola e Metropole a financiar o Caminho de Ferro do Congo para a construção do troço entre as minas do Bembe e o porto de Loanda.

E' caso para perguntarmos aos illustres depoentes que diabo foram eles, assim, tão ignorantes, fazer a Haia. Dentro em breve, por este caminho, até desconhecer as emissões secretas das notas de 500 escudos.

Os holandeses devem estar admirados de Portugal possuir gente tão cega e tão surda à frente de um dos seus principais estabelecimentos de crédito.

E' curioso que estas attitudes estranhas dos homens do Banco de Portugal foram registadas pelo Século, aquele jornal que sempre se mostrou tão empenhado na sua defesa.

Alguns vez ao ex-órgão da U. I. E. havia de fugir a boca para a verdade.

O julgamento de Marang

Terminou o interrogatório das testemunhas do processo

Prossegue o julgamento de Karel Marang. O acusado continua a defender-se, declarando-se libado das responsabilidades que lhe são atribuidas.

A agência Havas dá-nos a seguinte informação da audiência de ontem:

"HAVA, 25.—Terminou o interrogatório das testemunhas no processo Marang. Largamente interrogado, Marang negou todas as falsificações, declarando ignorar que as notas de que era depositário fossem falsas. Foi-lhe necessário tirar algumas dessas notas, mas para uso de terceiro."

O interrogatório terminou por largas discussões entre Marang, presidente do tribunal e o procurador da Rainha, sobre as transacções entre Marang, Alves dos Reis e os irmãos Bandeiras, que conduziram a emissão pela casa Waterlow, de alguns milhões em rotas do Banco de Portugal, para serem aplicados em Angola.

Marang exprimi a sua grande confiança nas transacções e nas pessoas nelas interessadas, que elle considerava como gente da melhor categoria. O procurador da Rainha, no seu discurso, declarou estar convencido de que o ministro de Portugal, António Bandeira, estava dentro do "complot", e de que Marang não o ignorava, não obstante a sua negativa.

A audiência continuará hoje.—(H.)."

NO CONCÍLIO LENÁRIO

As affirmações audaciosas de um Demóstenes de Leiria

AO Concílio Plenário que está funcionando no Sé Patriarcal, que é um edificio do Estado, assistiram quatro ministros da actual república: o do Interior, o da Justiça, o das Colónias e o dos Estrangeiros, assim como todos os secretários dos ditos. Lá estava também o comandante da policia sr. Ferreira do Amaral, tenente-coronel de infantaria.

Durante a missa as entidades officiaes ajoelharam-se. O Estado ajoelhou, portanto. O povo—esse não ajoelhou. E não ajoelha. Na frase de Paulo Louis Courier: "o povo reza e paga". Hoje já não reza, embora continue pagando.

O bispo de Leiria desempenhou anteontem no Concílio Plenário o papel de Demóstenes da fé. Discursou—dirigindo-se aos que representavam o governo—evocando todos os concílios realizados pela Igreja. Elevou até às nuvens a obra desses concílios, affirmando que ela se fez tendo em attenção a voz, a opinião e a autoridade incontestáveis da entidade a quem elles attribuem a fundação do universo, alicerçada nas crenças dos homens da idade da pedra polida.

Nesse tempo recuado a crença era lógica. Brotava da ignorancia e ninguém acreditava que houvesse homens capazes de se atreverem a falar dessa divindade invisível e terível.

A humanidade tem feito grandes progressos da pedra polida para cá. Hoje já se acredita que haja ministros de Deus. Superiorizámos-nos aos homens dessa época—porque não tendo a sua ignorancia tornamos ainda mais absurdas e vis as suas superstições.

Continuamos a puxar pela língua ao Demóstenes mitrado de Leiria. Disse o bispo que o rebaixamento do nível moral é espantoso. A salvação das almas só se pode operar dentro do edificio da Igreja, dentro da tradição religiosa.

Não pode haver melhor guia para as almas. Sem querermos historiar a longa galria de degenerados, de maus, de bêbados, de ladrões e assassinos que a Igreja conta no seu passado, porque o nosso jornal seria pequeno para um trabalho dessa natureza, limitamo-nos a perguntar se o papa Alexandre VI, que, como está averiguado e provado e confirmado até por personalidades eminentemente religiosas, fazia, ainda no berço, os filhos das suas amantes principes da Igreja, deve ser imitado na sua vida pelos crentes. Se o fizerem a humanidade rolará pela lama e tornará o universo inabitável.

"Deus criou-nos a todos iguais"—affirmou também o mesmo afado Demóstenes. Se assim é, porque é que a Igreja faz habitar o papa no mais rico palácio do mundo, ao passo que crianças morrem de frio e de fome à porta das igrejas? O Vaticano, sendo pertença de Deus, devia ser de toda a humanidade—e é apenas dum homem e só abre as suas portas para o mundo, quando

lá vão os fiéis entregar-lhes o dinheiro de que a Igreja é tão escandalosamente avida. Bem sabemos que as almas resgatam-se com milhões de contos e ser padre é uma profissão que vive da exploração dos fiéis. Se "Deus criou-nos todos iguais" porque é que a humanidade está dividida em duas partes distintas: a dos fiéis que pagam o tributo a Roma e a dos padres que vivem à custa dela?

A preclara sotaina negra affirmou que os homens têm uma tendência tão grande para viver em sociedade que os próprios anarquistas, a-pesar de pretenderem destruir o existente, vêm-se obrigados a associar-se para conseguir os seus fins.

Os anarquistas não são inimigos da sociedade, são inimigos duma sociedade, o que differente. São apenas inimigos da sociedade que engendra os bispos, os banqueiros, os exploradores e os desgraçados. Defendem a existência dum agregado humano em que haja a justiça, a beleza e a liberdade de que a Igreja se fez acerrima inimiga.

Além disso o bispo que assim falou é um inimigo da sociedade. E vamos demonstrar, porque.

A sociedade, tal como está constituída, obedece a um principio de autoridade que é idêntico, com ligeiras differenças de menor, em todas as nações do mundo. E é de acordo com as disposições e sanções das castas, dos estatutos e dos códigos civis que a actual sociedade vive e se mantém. Desapparecido isso, a sociedade dissolve-se. O bispo negou no seu discurso o principio da autoridade civil que é a base da sociedade, affirmando que dele não se encontram vestígios na história, nem tão pouco está assente na sciência ou na força. E proclama a seguir que toda a autoridade vem de Deus. E proclamou-a de acordo com a tradição da Igreja que desliza os subditos da obediência aos seus senhores e os arrojava contra eles, em senha rebelião.

A igreja é perturbadora do principio da autoridade civil—e os homens que encarnam esse principio, transigem com elle. Transigem porque a igreja é para conseguir os seus fins, procurou sempre captar os poderosos e conseguir sempre aliança a força necessária para se impor como senhora absoluta. E nega aos explorados a resignação. A resignação dos explorados eternizará o predomínio dos exploradores.

Atiramos com o resto do discurso para as ortigas—visto nos faltar o espaço para o comentar. E' o que lhe vale...

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA
Publicação mensal

Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limit.—R. dos Retirozinhos, 125—LISBOA.
A' venda na administração de A Batalha.

OS PENHORISTAS

Qualquer modificação no recente decreto seria bastante comprometedora para os seus autores

O incidente sugerido pelo decreto sobre os prestamistas complicou-se, tamou novos aspectos, apparece-nos agora com novas facetas. Quando muita gente supunha que o caso estava arrumado ele apresenta-se sob uma nova fase.

O decreto que estabelece em 18 % ao ano o juro sobre penhores provocou uma guerra de morte dos penhoristas. Primeiro foi o protesto isolado, quasi surdo, contra os mutuários. Ia-se a uma casa de penhores depositar um objecto e uma voz sinistra reboava nessa casa:

—Não se fazem transacções. Vão ter com o governo que lhes empreste dinheiro!

Depois o recurso foi outro: A alavanca do progresso tinha que ser posta ao serviço dos prestamistas, visto que outras causas imorais já tem defendido. E quasi todos os jornais choraram a miséria desses comerciantes. O próprio órgão do governo fez esta coisa paradoxal: na primeira página exaltava a medida do governo—aquella que fixava o juro de 18 %—e na terceira página publicava a defesa dos penhoristas—essa defesa que não reconhecia razão plausível ao governo para estabelecer tal "pequena" taxa de juro.

Só A Batalha, para vergonha dessa imprensa venal, é que tomou uma attitude digna: a de defesa das vítimas dos prestamistas. E A Batalha não é órgão do governo, A Batalha já marcou a sua posição em face da actual situação politica, que é a de franca rebelião.

Mas o facto de A Batalha não concordar com este nem com outro governo não lhe aliena o direito de admitir, como suficiente, o juro de 18 % ao ano. Esse juro dá aos penhoristas um lucro mais de que suficiente para a sua existência. E por ser assim, sem que a nossa

attitude significasse qualquer aplauso ao governo, desde o primeiro momento que nos colocamos ao lado das verdadeiras vítimas, desde a primeira hora que rompemos nutrido fogo contra esses autênticos vampiros—os penhoristas.

A proposta para a publicação nas nossas colunas da representação dos penhoristas foi por nós formalmente repelida, porque mancharia a nossa consciencia receber um centavo dos que têm sido extorquidos à miséria humana!

Os incautos, aqueles que supunham que os penhoristas se calavam, julgaram que o assunto tivesse sido arrumado.

Tal não succedeu.

Pessoa muito do conhecimento da melindrosissima questão disse-nos que os donos das casas de penhores contam que o governo modificou a taxa dos juros sobre penhores, fixando-os em 8 % ao mês para as roupas e em 6 % ao mês para o ouro.

Não há confirmação official do facto. E seria o absurdo dos absurdos se elle se consumasse. Depois das declarações feitas na imprensa por alguns membros do governo é inacreditável uma transigencia. O decreto sobre a taxa do juro de penhores fundamentava-se em razões poderosas. Logo, uma modificação comprometteria o governo.

No entanto os penhoristas estão confiantes. Ainda ontem um nos declarava "que isso era uma questão de dias, a-pesar-da furiosa campanha de A Batalha."

Aguardaremos serenamente. Esperemos o desenrolar dos acontecimentos para com a mesma altivez com que combatemos os penhoristas combatermos também os que se prestam ao seu jogo.

Lêde o Suplemento de "A Batalha"

MARCO POSTAL

Porto. — Correspondente. — Impossível publicar a entrevista.

CAMBIOS		
Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95500
Madrid, cheque		25975
Paris, cheque		571
St. Paulo, cheque		3578
Bruxelas, cheque		2574
New-York, cheque		19560
Amsterdã, cheque		7584
Itália, cheque		5835
Brasil, cheque		2545
Praga, cheque		5585
Suécia, cheque		5524
Austria, cheque		2577
Berlim, cheque		4566

TEATROS

Nacional. — A's 21.15. — O Peraltito. — S. Luf. — A's 21. — O Principe Orloff. — Ginástico. — A's 21.30. — A Pádua do Gato. — Politeama. — A's 21. — O Contadinho. — Apolo. — A's 20.30 e 22.30. — A Princesa Manequim. — Eden. — A's 20.45 e 22.45. — Cabaz de Morangos. — Variedades. — A's 20.30 e 22.45. — Saricott. — Coliseu. — A's 21. — Companhia de circo. — Salão Foz. — A's 15 e às 20.30. — Variedades. — Avenida Parque. — Diversões.

CINEMAS

Tivoli. — Avenida da Liberdade. — Olimpia. — Matinês e soirées. — Salão Central. — Praça dos Restauradores. — Chiado Terraces. — Rua António Maria Cardoso. — Cinema Condor. — Avenida da Liberdade. — Pathé Cinema. — Rua Francisco Sanches. — Salão Ideal. — Rua do Loreto. — Eden Cinema. — Rua do Alívio (Alcântara). — Cine Paris. — Rua Ferreira Borges. — Alhambra. — Parque Mayer. (Variedades). — Salão Lisboa. — (Mouraria). — Cine Esperança. — (Rua da Esperança). — Domingos, terças, quintas e sábados, às 20.30, animatógrafo. — Salão da Promotora. — A's 20 horas.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões. — Dr. Armando Narciso. — A's 3 horas.

Cirurgia, operações. — Dr. Bernardo Vilar. — 4 horas.

Rins, vias urinárias. — Dr. Miguel Magalhães. — 10 horas.

Pele e sífilis. — Dr. Correia Figueiredo. — 11 e às 3 horas.

Doenças nervosas, electroterapia. — Dr. R. Lott. — 2 horas.

Doenças dos olhos. — Dr. Mário do Matos. — 2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos. — Dr. Mário Oliveira. — 12 horas.

Estômago e intestinos. — Dr. Mendes Belo. — 3 e 5 horas.

Doenças das crianças. — Dr. Filipe Mano. — 12 horas.

Tratamento de diabetes. — Dr. Ernesto Roma. — 5 horas.

Enfermagem e dentes. — Dr. Armando Lima. — 10 horas.

Cancro e rádio. — Dr. Cabral de Melo. — 4 horas.

Raios X. — Dr. Aluísio Salgado. — 4 horas.

Análises. — Dr. Gabriela Beato. — 4 horas.

Associação de Socorros Mútuos 'A Nacional'

Sede: Rua de São Paulo, 104, 3.º, D.º. — Lisboa

Mesa da Assembleia Geral

AVISO

Convoca a reunião da assembleia geral para o dia 29 do corrente, pelas 20 horas, na sede da Associação, sendo a

ORDEN DOS TRABALHOS

Eleição dos corpos gerentes para o futuro ano de 1927.

Caso não compareça o número legal de sócios para a assembleia poder funcionar, fica desde já convocada nova reunião para o dia 7 de Dezembro próximo futuro, à mesma hora, local e com a mesma ordem de trabalhos, reunindo então com qualquer número de sócios presentes.

Lisboa, 25 de Novembro de 1926.

O Presidente da Mesa, Domingos Roque Laia.

A VENDA A 10.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profundamente ilustrado desde as primeiras páginas do homem até à revolução francesa.

*Estimativa: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$000.

A obra mais barata que no género se publica

ASSINEM Os mistérios do Povo

Caminhos de Ferro do Estado

ANÚNCIO

Concurso para admissão de praticantes de estação

Faz-se público que, nos termos do Regulamento respectivo aprovado por despacho ministerial de 25 de Fevereiro de 1903 e de harmonia com os §§ 1.º e 2.º do art. 153.º da Organização da Administração Geral dos Caminhos de Ferro do Estado, aprovada pelo decreto n.º 8924, de 18 de Junho de 1923, está aberto concurso documental para admissão de praticantes de estação.

A este concurso serão admitidos todos os indivíduos que, até às dezasseis horas do dia 20 de Dezembro próximo futuro, o requerirem perante esta Direcção e provejam satisfazer às seguintes condições:

- 1.º Ser português;
- 2.º Não ter menos de quinze anos de idade nem mais de vinte e quatro;
- 3.º Ter as suficientes condições físicas;
- 4.º Ter cumprido a lei do recrutamento militar na parte que lhe for aplicável;
- 5.º Não ter responsabilidade criminal nem ter sido condenado em pena infamante;
- 6.º Ter exame de instrução primária do 2.º grau, ou habilitações oficiais equivalentes.

A satisfação à condição 3.ª será verificada pelo Serviço de Saúde dos Caminhos de Ferro, em data que oportunamente será anunciada aos interessados.

A satisfação às restantes condições terá de ser provida por meio dos seguintes documentos, devidamente autenticados: a 1.ª e a 2.ª pela certidão de nascimento (teor); a 3.ª pela caderneta ou resalva militar ou outro qualquer documento equivalente; a 4.ª pelo certificado de registo criminal e a 5.ª pela certidão ou certidões das habilitações alegadas.

Conforme preceitua o supracitado § 2.º do art. 153.º da Organização de 18 de Junho de 1923, são preferidos para a admissão os filhos de empregados dos Caminhos de Ferro do Estado e especialmente os órfãos, atendendo-se na escolha os bons serviços prestados pelos pais dos candidatos.

Os candidatos que forem admitidos à prática não terão direito a regalia alguma enquanto se conservarem nesta situação.

Lisboa e Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, 18 de Novembro de 1926.

Pelo engenheiro-director, F. Cordovil Vaz Coelho.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Exploração — Serviço do Movimento

Venda de aparas e resíduos de cortiça na estação de Lisboa-P.

Até ao dia 25 do corrente mês de Novembro, pelas 12 horas, esta Companhia receberá propostas em carta fechada, dirigidas à Direcção Geral em Lisboa, estação de Santa Apolónia, para a compra de aparas e resíduos de cortiça na estação de Lisboa-P., desde 1 de Dezembro de 1926 até 30 de Novembro de 1927.

No envelope das propostas, além do endereço, deverá indicar-se o seguinte:

Propostas para a compra de aparas e resíduos de cortiça na estação de Lisboa-P.

Os proponentes deverão estipular claramente o preço oferecido por quilo e terão de fazer a declaração de que se conformam com as condições abaixo designadas.

Todas as propostas que não satisficam as condições acima indicadas serão consideradas nulas.

As bases são as seguintes:

- 1.º O arrematante obriga-se a mandar recolher, diariamente, por sua conta, todas as aparas e resíduos de cortiça que se encontrem nos cais e linhas da estação de Lisboa-P., bem como nos lastros dos vagões que tenham servido a esses transportes.
- 2.º Diariamente deverão os agentes que o arrematante encarregar desse serviço, fazer a pesagem de aparas e resíduos recolhidos, em presença de um agente da Companhia.
- 3.º O pagamento será efectuado na estação de Lisboa-P., em seguida à pesagem das aparas e resíduos recolhidos.
- 4.º Ao arrematante serão fornecidos dois bilhetes de identidade a fim de serem utilizados por dois agentes seus para a entrada na estação de Lisboa-P., exclusivamente com o intuito de fazerem a recolha das aparas e resíduos de cortiça, constante na base 1.ª, devendo mostrá-los aos empregados da Companhia sempre que lhes sejam exigidos.

Lisboa, 12 de Novembro de 1926. — Pelo director geral da Companhia, — O engenheiro chefe da exploração — Lima Henriques.

NÃO COMPREM LÍMAS OU GROSAS sem consultar

a Empresa de Limas União Tomé Feteira, Lda

Sede em VIEIRA DE LEIRIA

Fabrico mecânico de todos os tipos e dimensões, em franca concorrência com as melhores marcas estrangeiras

EXPERIMENTAR É ADOPTAR — Visitem a nossa agência em Lisboa

Travessa do Fala 56, 9-B

TELEF. N. 3415

PELES!!!

A casa que melhor sortido apresenta e que mais barato vende é a

PELARIA CONFIANÇA

3 — Rua da Palma — 3-A

Esta casa tem sempre um grande stock de peles para senhoras, vindas directamente das melhores fábricas estrangeiras

Barreiros & Jesus

TELEF. N. 3691

A PRESTAÇÕES

Falôs, calçado, sobretudo, peluches, roupas brancas, chapéus, artigos de lá, peles, capas e todos os artigos próprios da estação, mobiliário em ferro e madeira, — na antiga e acreditada casa da Rua António Pedro, 52.

O calçado mais sólido e mais barato de Lisboa vende-se no depósito da Sapataria Brasil, Rua da Madalena, 206 e 212, a quem apresente este anúncio, desconto 5 %.

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O EURO DE 10.000

NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhoras... 3000

Sapatos para cavalheiros... 2500

Botas para grande sala... 4500

Botas brancas (sala)... 2500

Grande salto de botas pretas... 4500

Botas de couro para homens... 4500

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outras casas.

Ver bem, pois lá encontra bom e barato.

A Social Operaria é a marca dos Cavalheiros, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Depósito da Covilhã

ROSSIO, 93, 1.º

Telefone N. 4663

Acabam de chegar muitos padrões de boas faixas de lá para venda directa das fábricas ao público, que vendemos por baixos preços.

Estampas e casimiras desde Esc. 11870 o metro, grande sortido das principais fábricas do país, e um escolhido sortido de fazendas estrangeiras que vendemos por preços sem comparação. Há felts e fazem-se por medida, sobretudo para homens e crianças desde Esc. 180000. Casacos de senhora desde Esc. 120000.

Tem a alfaiataria para a sua corte cliente.

Executam-se fatos em 24 horas

Manda amostras para a provincia e em Lisboa ao domicilio

Botaria do Natal

Em 23 de Dezembro de 1926

Premios maiores... 4.000.000\$000

1.200.000\$000

Bilhetes a 1.000\$000 e quadragesimos a 25\$000, cauteias a 6\$000. Pelo correio mais \$80.

Pedidos a

Campião & C.ª

113, RUA DO AMPARO, 116 LISBOA

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, funhos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIAS E ENSINO	Jorge Teixeira. — Gatunos de Luva Branca. — A Escamalha (peças de teatro)	2550
Abel Botelho — Amalhão	16500	
Alexandre Herculano		
Cartas e Narrativas (2 volumes)	18500	
Cartas (2 volumes)	18500	
História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols.)	27500	
Adolfo Lima		
Contracto do Trabalho	10500	
Educação e ensino	5500	
O ensino da história	1550	
Aquino Ribeiro		
Enxada e Foice	3500	
Enxada e Foice	3500	
Jardim das Tormentas	10500	
Via Sinuosa	10500	
As Filhas da Babilónia	10500	
Terras do Demo	10500	
Augusto Machado — Impossível redenção (novela)	255	
Augusto de Sousa — Fôlhas perdidas (Fados)	10500	
Bento Faria — Missa nova (teatro em verso)	2500	
Binet-Sangle — A loucura de Jesus	4500	
Buckner — O homem segundo a ciência	12500	
Força e Matéria	12500	
Charles Darwin — Origem das espécies	14500	
Campus Lima		
O Estado e a evolução do Direito	12500	
O Amor e a Vida	5500	
Ceia dos Pobres	2500	
A Revolução em Portugal	6500	
Cristiano Lima — A escola de N.ºs Alvaes (novela)	255	
Duarte Lopes — Frei Sanguê	5500	
Eça de Queiroz		
O crime do Padre Amaro	18500	
O primo Basílio	15500	
O Mandarim	8500	
O Religião (2 vols.)	25500	
Os Males de Paris	12500	
A Cidade e as Serras	12500	
Fradique Mendes	9500	
Casa Ramires	15500	
Prosas Bárbaras	10500	
Ecoss de Paris	9500	
Cartas Familiares	9500	
Cartas de Inglaterra	9500	
Minas de Salomão	9500	
Notas Contemporâneas	15500	
Últimas páginas	15500	
Contos	15500	
Ernesto Haackel		
História da Criação	20500	
Origem do Homem	14500	
Os enigmas do Universo	5500	
Monismo	4500	
Religião e evolução	6500	
As maravilhas da vida	14500	
Faguet — Iniciação filosófica	5500	
Iniciação literária	10500	
Faria de Vasconcelos		
Problemas escolares	5500	
Por terras de além mar	5500	
Ferreira de Castro		
Sangue Negro	2550	
Sendas de Lirismo e de Amor	8500	
A Peregrina do Mundo Novo	6500	
F. Castro e E. Friaes — A Boca da Esclava	8500	
Flamarion		
Iniciação astronómica	5500	
Contos de luar	5500	
Como acabar o mundo?	7500	
Os habitantes dos outros mundos	4500	
Felix de Dantes — As influências ancestrais	10500	
Ateísmo	6500	
Fialho de Almeida		
Lisboa Galante	10500	
Estórias de Arte e Saúde	9500	
Figuras de destaque	9500	
Actores e Autores	9500	
Contos	9500	
As Migrações	9500	
Barbear, Passar, Pôr	9500	
Cidade do Vício	10500	
Passadinhos	10500	
Paixões Vivas	9500	
Sabem quantos	9500	
Vida errante	9500	
Vida irónica	9500	
Guerra Junqueira — A morte de D. João	10500	
Musa em férias	9500	
Os Simples	7500	
A velhice do Padre Eterno (Educação de luxo)	14500	
Brochados	10500	
Gorki — Os Degenerados	4500	
Os Vagabundos	4500	
Na Prisão	2550	
Ibsen — Espectros	4500	
Casa de bonecas	5500	
Jacquinet — História Universal, 2.ª	10500	
Jaime Cortezão — Adão e Eva (teatro)	5500	
José Benedit — A ciência redentora (novela)	255	
Jesus Peloto — O mestre geral (novela)	255	

minoso que foi seu rei. Ao punhal de Bruto, opomos o gladio da justiça! O tirano deve ser punido, em nome de todos, na praça pública! Deve ir do trono ao cadafalso. Assim possam cair as cabeças de todos os monarcas!

—Tudo isso é soberbo! exclamou Desmarais. Cada vez me sinto mais orgulhoso do meu discípulo.

—O que lhe duplica o mérito é, meu caro colega, que a modestia está nela a par do patriotismo. Robespierre, subindo à tribuna depois de João Lebrén, referiu-se a ele nos seguintes termos: «Este mancebo acaba de falar como um filósofo, como um historiador, como um estadista. E' um simples operário que trabalha dez horas por dia no seu rude ofício de seralheiro, para ganhar o seu sustento.» Estas palavras de Robespierre consagraram a ovação que lhe tinham feito os jacobinos. E agora adeus, meu caro Desmarais. Creia que sinto não ter sido bem sucedido na missão de que me encarregou junto de S. Just. Ele mesmo lhe dirá amanhã, na Convenção, quanto o peñhorou a sua proposta, e porque razões se viu obrigado a recusá-la.

—Eu considero-me-lhe feliz se tivesse como genro um homem tão eminente pelo talento como pelo patriotismo; estou bem resolvido a não dar a minha filha senão a um republicano da nossa tempera, caro colega.

—Agora me ocorre uma ideia exclamou Billaud-Varenne. O meu amigo quer ter por genro um homem eminente pelo patriotismo, e pelo talento. Pois então, meu caro Desmarais, porque não escolhe para genro o cidadão João Lebrén? Ele tem vivido na intimidade da sua família, e por isso o colega deve já conhecê-lo o modo de proceder, e as qualidades que o caracterizam. Sua filha, educada nos bons princípios deverá, salvo o caso de alguma preferência de coração que se deve sempre respeitar, acolher favoravelmente um tal pretendente à sua mão. João Lebrén é novo e simpático; ora, se este casamento fosse do agrado de sua filha, não atraia este facto todas as

simpatias para si, colega, por ter inaugurado a fusão das classes? Todos aplaudiriam o casamento de um simples operário com a filha dum rico burguês, dum advogado célebre. Que lhe parece?

—Vai ver! respondeu Desmarais após um momento de reflexão e parecendo ceder a uma súbita inspiração.

—Depois correu à mesa, sentou-se, pegou numa pena e começou a escrever a seguinte carta:

Meu caro João.

«Espero-o imediatamente em minha casa. Dou-lhe a minha filha, apenas com uma condição que espero da sua lealdade, na qual tenho absoluta confiança.

«A condição é a seguinte:

«Não diga a ninguém, e muito menos a Billaud-Varenne, que ama Carlota há quatro anos.

«Fico a sua espera.

«Saúde e fraternidade.

«Desmarais.»

Escrita esta carta, o advogado tocou a campainha, e assim que Gertrudes entrou no salão, entregou-lha dizendo:

—Leve já esta carta a casa do cidadão João Lebrén, nosso vizinho, e espere a resposta.

—Sim, meu senhor! respondeu a criada saindo para obedecer.

—Permita, meu caro colega, que o deixe um momento só, para ir ver se minha mulher e minha filha lhe podem falar.

Billaud ficou só, fazendo as seguintes reflexões:

—Porque querera Desmarais apresentar-me a filha e a mulher? Acho bem singular o procedimento deste homem!... A's vezes inspira-me uma vaga desconfiança mas os seus votos, discursos e actos têm sempre revelado os mais avançados princípios revolucionários. Então porque anda ele sempre a temer que o tomem por um traidor? Ainda agora pareceu sur-

preendido quando lhe propuz João Lebrén para genro... Será o burguês demagogo apenas um burguês fidalgo, que não quisesse baixar-se a dar a filha a um simples operário? E os rigores absurdos que ele ainda agora teve com a mulher, por ela ter cedido a um natural impulso de afecto fraternal revelarão nele um traidor, ou um covarde, ou ambas as coisas?

Orá... que importa?... E' um instrumento, é popular, eloquente, hábil, muito atendido pela Assembleia... Mas, em tempos de reacção, os traidores que adquiriram uma certa popularidade pelos seus exageros num sentido, tornam-se não menos exagerados no contrário, são implacáveis, e mandam de preferência ao cadafalso os seus amigos de outrora, para assim se salvarem a si, e dar garantias... E, se tivessem razão de ser as minhas suspeitas, Desmarais podia vir a ser um desses!... E, se se obtivesse provas disso, seria preciso cortar o mal pela raiz... Emfim, guardemos os factos para julgarmos... Marat é previdente e sagaz, e nunca perde de vista este meu colega.

O monólogo de Billaud-Varenne foi interrompido pela entrada de Desmarais, com a mulher e a filha. Esta parecia agradavelmente impressionada pela confidência que lhe tinha feito o pai, da sua resolução de consentir no seu casamento com João Lebrén. A sr.ª Desmarais estava, pelo contrário, dolorosamente impressionada pelos acontecimentos em que via envolvido seu irmão, cuja sorte lhe inspirava grandes receios. Só a custo a pobre senhora continha as lágrimas.

O convencional, inclinando se delicada e respeitosa-mente diante da mulher do seu colega, disse-lhe:

—Sinto, minha senhora, que seja num momento tão penoso que tenho a honra de lhe ser apresentado; mas espero e tenho a certeza de que o meu caro colega lhe não prolongará o cativo, e a libertará dos seus guardas.

—Cidadão Billaud-Varenne, vou satisfazer o seu desejo, mandando embora os guardas da cidadã Des-

marais, que fariam mau efeito nesta casa num dia de noivado.

—Que quer dizer, cidadão? perguntou Billaud-Varenne. De que noivado fala?

—A carta que há pouco escrevi era para o meu discípulo João Lebrén, a quem ofereci a mão de minha filha.

—E' digno de elogio o seu procedimento, colega.

—Agora, minha filha, responda-me com toda a franqueza: antes de partir para Lião, viu muitas vezes nesta casa o nosso vizinho João Lebrén. Que opinião tem a respeito dele?

—Penso que não há espirito mais nobre, coração melhor e mais generoso do que o seu.

—Consentiria em desposá-lo?

—Com tanta mais vontade, quanto é certo que amo João Lebrén, sem que o meu pai nem minha mãe o soubessem. E' creio correspondido o meu amor.

—E' encantadora a graça e a candura desta rapariga! pensava Billaud-Varenne. E que coincidência a do seu secreto amor! Na verdade, isto parece um romance, um idílio!

—Que dizes, minha filha? respondeu o advogado simulando uma grande surpresa. Tu amavas o nosso jovem amigo, e eras amada por ele? E ocultavam de mim esse amor!... Então porque faziam misterio para mim do amor que tinham um ao outro?

—A entrada de Gertrudes veio interromper este dialogo. Desmarais perguntou-lhe:

Que respondeu o vizinho à minha carta?

—O cidadão João Lebrén não estava em casa. O porteiro disse-me que, ao sair do clube dos jacobinos, ele tinha vindo a casa vestir o seu tato de oficial municipal, e tinha ido para a prisão do Templo, onde esta noite fica de guarda a Luis Capeto. Aqui está a carta, que eu tornei a trazer.

—Que contratempo, meu caro colega! disse o advogado. E principalmente agora, que sei deste



CARTA DO PORTO

Os acidentes no trabalho e a assistência "Mundial"...

PORTO, 23. — A odisséia dos sinistrados é interminavelmente dolorosa. Não podemos, porisso, largar mão desta tragédia tão duramente repassada de plantuosa tristeza.

Hoje vamos-nos referir à seriedade da situação curiosa que costuma envolver a meada dos tribunais dos acidentes no trabalho. E pela descrição rápida da gravidade da Justiça que se emprega para com os desgraçados que a ela confiantemente se acolhem, se poderá aquilatar das belezas utilitaristas que o reformismo social do nosso Estado democrático, da nossa moderna sociedade civilizada, nos inovou na mecânica desconfiança das regalias vãs que usufruimos...

A reclamada era a famosa Companhia "A Mundial", a única inventiva nos records questionários do tribunal. É uma permanente luta de esbulhos entre ela e os seus segurados...

O reclamante era um pobre descarregador de Vila Nova de Gaia. Estando no desempenho do seu árduo trabalho, caiu, juntamente com uma bomba de 30 quilos, a bordo de uma barca, resultando ficar com o pulso direito fortemente contundido.

Após uns 14 dias de paciente tratamento no respectivo posto de "A Mundial", deram-lhe alta — porque mundialmente está conhecido — que naquela Companhia nunca deixou de existir aquela prodigiosa celebridade com que se aviam os doentes à la minute... Os interesses capitalistas da sociedade têm de ser escrupulosamente atendidos, sem o que não poderiam os fúgaros cogitarem-se pelas excentricidades do organismo e dos espasmos...

Os protestos, as reclamações, do sinistrado sossobrado de encontro à penúria acudida das razões intangíveis do clínico. Se dizia que estava curado, é porque estava. Rua, portanto.

Alguém, todavia, não se conformou com o estado sanitário do braço turgescido, deformado. Aconselhou o acidentado a que recolhesse, como indigente, ao Hospital Geral de Santo António.

Uma vez no hospital, a Ciência de lá reconheceu que aquilo estava tão conscientemente encaminhado, que outro remédio não havia do que sujeitar-se ao martírio de uma magreza amputação... O infeliz bem infinitamente chorou pelo bocado que lhe infanar, mas teve de se conformar com o apatamento cirúrgico do pedaço de carne, de tendões, de ossos que assim tão inexoravelmente lhe arrancavam...

A saída escarpou tudo: toda a desgraça que viera mutilar o desgraçado descarregador, tivera origem no desastre que tivera no trabalho... e desenvolvimento putrefacção, nos bons e profundos conhecimentos de tecnologia-enfermeira proficentemente demonstrados no posto de socorros da rua Duque de Loulé...

O sinistrado, em presença dos factos irremediavelmente consumados, espavento único recurso: apelar para a justiça retórica de um tribunal arcaico, onde a maioria preponderante das Companhias, dos seus médicos aliados e dos patrões faz pender sempre o fiel da balança para o lado contrário dos infelizes — onde a diminuta parte operária a maior parte das vezes esgrima... contra os moínhos da inutilidade, da ridiculariedade...

Em defesa da Companhia em referência esteve um médico que afirmou ser accionista e gerente da dita empresa. É, se não nos enganamos, o sr. dr. Gomes da Costa. As perguntas sacramentais que o juiz presidente do tribunal lhe fizera — as de jurar a verdade, se era amigo ou inimigo do reclamante ou da reclamada, se tinha algum interesse na causa em transito — só a primeira respondeu afirmativamente. Dizer a verdade diria, mas ser inimigo ou amigo da Companhia, ter qualquer interesse na questão, isso é que não... Não conhece o que venha a ser isso...

O que nos causa espanto, é que sendo um médico de "A Mundial", e de mais a mais com uma postura hierárquica lá na casa, não conheça a mesma "A Mundial", não se interesse por ela quando deve ter interesses ligados à sua prosperidade capitalista...

Para mais distintamente se inferir da imparcialidade impecável de toda esta representação magistral, basta dizer ainda que foram depor: um empregado superior da Companhia, que igualmente não é amigo dela; e o sr. dr. Sousa Feiteira, o qual, embora àquela hora tivesse uma aluvião de clientes à espera dos seus serviços especialistas raios-xistas, teve a magnanimidade de descurar os seus interesses, de desinteressadamente, imparcialmente, ir dizer da sua justiça contra o sinistrado e em defesa da Companhia, da qual, possivelmente, é accionista...

Foi uma tal isenção de parcialidade, que levou os referidos médicos a quererem demonstrar o engano, a falta de precisão, dos diagnósticos e dos tratamentos dos outros seus colegas. «Se os médicos assistentes do hospital — subessem que o descarregador tinha sofrido um desastre no trabalho, dar-lhe-iam um outro tratamento e não lhe cortariam o braço sem autorização da Companhia e sem ouvir a opinião do seu médico» — do dr. sr. Gomes da Costa, por exemplo...

Quer dizer: empalhiava-se, como o costume, o doente até o aguentarem por qualquer maneira. Mas como as coisas se passaram de forma diferente, mastigaram, titubearam diversas tangentes, esforçando-se por garantir que o sinistrado sofre, e já sofria, antes do desastre, de tuberculose óssea — para assim fugirem ao dever. Mas como o presidente do tribunal relembra-se que os desastres são causa também muitas vezes da reacção de doenças, e dorciamente, então sempre se resolveram os drs. sr. Gomes da Costa e Sousa Feiteira, este ainda não há muito um simples endriteira, a... acordar com uma tal possibilidade...

O primeiro clínico ainda tentou, esgrimindo uma documentação muito particularmente sua, demonstrar que o sinistrado não tivera traumatismo. O tribunal, porém, estava da posse de um documento oficial do Hospital Geral de Santo António em como testava inicialmente o amputado

A-PROPÓSITO DO CONCÍLIO...

DESUMANIDADE DO CATOLICISMO

Não! Nós não queremos a Bíblia, nem o dogma, exactamente porque não acreditamos, numa verdade... revelada, que só pôde sair da boca dum Deus que ninguém ainda viu, nem ouviu; que, Todo poderoso, podendo, por consequência, dar pão a todos e evitar misérias, doenças e crimes, deixa morrer tantos dos seus filhos à fome, na penúria, na força e nas prisões; tantos inocentinhos, sem delitos e sem pecados, de tifos, de bexigas, de sarampos e de tuberculose, nos vãos dos portais, ao frio, à chuva e à minguia, ou, de agonias inenarráveis, nos braços desolados de suas mães, que, ainda por cima, nos dias em que acorda de má catadura, se põe a verter águas em ditivos, a fazer as suas necessidades em cataclismos, aos sopros, que produzem em catástrofes, aos berros, que produzem guerras, deixando-se depois cair, como disse Victor Hugo, feliz e consolado, «no seu fauleuil à Voltaire!»

«Pri d'un rhumatisme incurable à l'échine. Après avoir creé le monde et la machine. La fleur, l'oiseau, la femme et l'abbé et la terre. Dieu s'est laissé tomber dans son fauleuil à Voltaire!»

Não! Nós não queremos uma liberdade que, mais do que irreconciliável, é impossível coexistir com o catolicismo, porque o catolicismo, quando não é um hospital de doentes furiosos, é uma jaula para o corpo, para a consciência e para o espírito, uma falperia de eiganos sem escrúpulos, e um covil de assassinos sem entrâncias.

Não! Nós não queremos uma religião que durante catorze séculos matou bilhões de criaturas humanas, e fez correr sobre a Terra rios e rios de sangue.

Não! Nós não queremos uma religião que se inventou e se impôs por meio de torturas e suplicios infernais da Santa Inquisição, e que em várias épocas da História converteu a Europa numa fogueira colossal, e uma grande parte da humanidade numa enorme montanha de tormentos.

Não! Nós não queremos uma religião que é um suicídio intelectual e a abdicção das mais brilhantes faculdades do nosso espírito, nem admitimos uma fé que é um acto de loucura e a renúncia da dignidade humana.

Não! Nós não queremos nada de comum com padres, —nem com uma Igreja que a liberdade de consciência chama, no *Syllabus*, «a abominável liberdade da perdição», à Razão prostituída, Diabo, e «maldita mania de pensar», à liberdade do pensamento.

Não! Nós não acreditamos, nem podemos acreditar, num Deus capaz de mandar seu filho à Terra, com procuração para redimir a Humanidade — que por tal sinal ficou pior que dantes — e, depois, de o deixar sofrer os suplicios mais cruéis, o abandonar e fez crucificar no ignominioso patíbulo do Calvário!

Não! Nós não acreditamos que haja um Pai assim cruel e assim maldoso, nem de sejamos perguntar, como Diderot:

«Que Deus é esse, que mata Deus para apaziguar Deus?»

Compreende-se um Deus que é, à maneira dos indios, o Ganges que passa, o mar que murmura, o vento que sopra, a nuvem que troveja ou o relâmpago que brilha.

Compreende-se o Ente Supremo de Rousseau e dos revolucionários de 1789, o Deus — universalidade dos seres dos pantheístas — ou o Deus Lamartine — *Le seul Dieu que j'adore, et qui n'a point d'autel!*

Melhor se compreende ainda o Deus-Humanidade de Augusto Comte, —um Deus que não é imaginário, nem hipotético, abstracto e sem existência real, mas um Deus corporeo, visível, sofredor e sensível, porque vê, ouve, sente, sofre e ama, — um Deus, enfim, que, tal o da religião da Índia, «está na consciência de todos os homens de bem», e é a Humanidade inteira.

Mas que Deus seja, como o pintam os católicos, um Deus pessoal, colérico, feroz, vingativo e sanguinário, de grande mania de rogar, e enormes barbas de algodão, é uma monstruosidade de tal ordem que nós, livre-pensadores, repudiamos um Deus assim, e respondemos com as palavras de Pascal, filósofo e católico de 1ª profundidade:

«Se querem que eu submeta a minha razão, então é necessário que me deem razões!»

Nós não podemos crer no absurdo. Não podemos crer num Deus pessoal, saído do nada, porque o «nada» é a negação de toda a existência; num Deus que, sem pedra, sem cal e sem areia, cria, há 6.000 anos, um mundo... que já existia há centenas de mil; num Deus que estava não se sabe onde, a fazer não se sabe o quê, e que depois caiu outra vez, numa catalepsia muitas vezes secular, naquele céu... de pardais, onde só existe todo um sistema planetário; num Deus que cria a luz no segundo dia e o sol no quarto, e que até então esteve às escuras, talvez só porque não sabia ler; que aos gestos, aos sopros e aos berros, cria todas as maravilhas da Natureza, para de seguida, feito oleiro, se ver, mais embaraçado que Bórdalo Pinheiro, a criar em Adão, um boneco imperfeitíssimo e de barro vil; que, feito cortador de carne humana, tem de fazer Eva dum costela, obrigando o piedoso Bossuet a dizer, ridiculamente, que «a mulher é feita dum osso supranumerário»; num Deus que é alfaite, para vestir Adão e Eva, de folhas de figueira (Genesis, III, 21); que é inventor de calções a dizer a Moisés: «Tu lhe fardas calções de linho, para cobrirem a sua nudez» (Exodo, cap. 28, § 2); que é construtor de navios, a indicar a Noé as dimensões da Arca, a madeira e o betume a empregar, e as portas a fazer (Genesis, VI, 14); que é gravador, como o Freire da Rua do Ouro, a inscrever, numa pedra, as «Táboas da Lei» (Exodo, XXXVI, 16); ora pasteleiro, a fabricar o maná do Egipto (Exodo, XVI, 13); ora faz de Raku, lutando uma noite inteira com Jacob, tal qual um brigão de Alfama (Genesis, XXXII, 24 e seguintes); ora instiga os egípcios ao roubo dos vasos de ouro (Exodo, XII, 35 e 36); ora impõe o assassinato, dizendo: «Destruí tudo, matai»

não seria se não fosse o dito traumático. Os médicos, em face da evidência, tiveram que embuchar, mesmo na frente das provas radiográficas...

A «imparcialidade» do gerente clínico de A Mundial nada conseguiu, ganhando o sinistrado a questão — embora a pensão que venha a receber seja uma autêntica miséria...

C. V. S.

tudo, as mulheres, os homens, os jovens e as crianças de peito» (Samuel, XV, 3); ora manda assassinar 24.000 judeus (Exodo, XXXII, 28); ora castiga os filisteus com hemorroidas, e fulmina 50.000 judeus (Samuel, 41, 19)... Não, não, nós não podemos crer num Deus que cria o homem à sua imagem e semelhança e a mulher como ele, quis, e que, depois, só porque eles, em delícias e em gozo, comem uma maçã das de três em prato, — os fulmina com a pena do pecado original — trabalhos forçados para toda a vida — não só eles, o que já seria cruel, mas a toda a sua descendência — a todos os nossos ancestrais, às gerações do presente e às do porvir!

Um Deus a tal ponto ridículo, desordeiro, cúmplice de furtos, instigador de assassinatos, juiz descarado, vingativo e feroz até mandar *douches*, que afogaram toda a humanidade, terramotos, raios, pestes, fomes, guerras... hemorroidas, ou reclamaria uma camisa de forças e os cuidados do sr. Bombarda, ou carceraria do zelo católico dos juizes de Vizeu, ou o metier numa cela da Penitenciária, ou um Deus que só serve ao Calisto da Universidade de Coimbra e aos colegas da cadeira de teologia, falsa ciência que, ou só ensina asneiras e absurdos, ou não ensina nada, não investiga nada, não experimenta nada, não demonstra nada, pretendendo impor-se só pelo *mistério*, pela estupididade da fé, e por meio de uma *crença* sem exame, sem crítica e sem verificação — «as duas virtudes teológicas, que nos obrigam a engulir, sem discussão, todas as patranhas com que a Igreja regala os seus fiéis» (Alfredo Pauron) ou «virtudes de ingénuos para benefício de malandros» (Volney).

Ora, a verdade é que já Quatrefages escrevia que «a Ciência repousa, toda inteira, sobre a experiência e a demonstração», e já, anteriormente, Lamennais, padre da Igreja, escrevia também: «Não se pode chegar à certeza senão por dois caminhos: a demonstração e a experiência, que constata as coisas de facto».

Um Deus-pessoal que contradiz a eternidade da matéria, a cosmologia, a astronomia, a geologia, a paleontologia, a antropologia, a zoologia, a gravitação universal, o espectro solar, a pluralidade dos mundos, o telescópio, a geração espontânea, o transformismo, a origem e a evolução das espécies realizada pela selecção natural, a anatomia comparada, e que, para fazer verso, até contradiz as afirmações da pedra lascada, é um Deus grotesco, absurdo e impossível, a desmentir todas as descobertas do espírito humano, todas as demonstrações da ciência experimental, positiva e averiguada.

Não! Nós não podemos crer num Deus que nega toda a ciência, nem na *verdade absoluta e revelada* imposta pela força dum Igreja «infalível».

Fernão Boto MACHADO

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 300.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 600.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 600.

A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

A QUESTÃO DA PESCA

Uma manobra dos mestres dos cercos algarvios

PORTIMÃO, 24. — Há muito que se diz que tem sido a falta de peixe a origem da grande crise que o Algarve atravessa. Por se ter verificado essa verdade, não só as classes piscatórias, mas também outras classes, têm protestado contra a falta de protecção, por parte dos poderes constituídos, a este grave assunto.

Por diversas vezes, têm ido a Lisboa diversas comissões, a fim de tratar junto dos vários governos da crise que o Algarve atravessa, dando como principal factor a crise da pesca e apresentando várias soluções a fim de atenuar o terrível flagelo.

Entre as soluções apresentadas, a principal é o desfove da desova e a proibição da apanha de sardinha com menos de 12 cm. Pediu-se também uma rigorosa fiscalização por parte do governo, a fim de reprimir a pesca em águas portuguesas, por galeões espanhóis. Até hoje, que sabemos, providências tendentes a atenuar a crise da pesca não foram tomadas. Excepto uma deficiente lei, em que se demarca o tamanho da sardinha a pescar em 11 cm. A respeito do desfove da desova e fiscalização continua como dantes. Pois a pesar-da lei ser deficiente e não ser o desejo da grande população piscatória, vimos com espanto que os mestres dos cercos e respectivas companhias protestaram junto do governo contra a dita lei; mas, julgam que pediram a sua revogação num sentido mais amplo, em que se pedisse para o mínimo da sardinha os 12 cm. ? Ou que se pedisse uma mais rigorosa fiscalização por parte das autoridades marítimas? Não! Pediu-se simplesmente que os deixassem pescar sardinha de tamanho inferior a 11 cm. Isto pediram os mestres e companhias. dos cercos de Portimão (?) enquanto os pescadores de Borgão protestam contra a bárbara mortandade que actualmente se faz na criação, e que colará na miséria a classe piscatória, a continuar este estado de coisas.

Só quem for leigo neste assunto, poderá dar crédito às razões apresentadas pelos referidos mestres; pois as companhias, estas são disso convencidos, estão como todos contra a pesca da sardinha com menos de 12 cm. e a reforçar as nossas palavras, estão os protestos da parte de vários pescadores. Apresentam os mestres para reforçar o pedido da revogação da lei, a miséria que actualmente existe; mas nós lhes diremos, que essa miséria provém, principalmente, da maneira como tem sido encarado o problema da pesca. — C.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Redidos a administração de A Batalha.

C. V. S.

ASPECTOS DO CAPITALISMO

A FALTA DE TRABALHO

Miserável proletário, operário das minas, da oficina, do escritório, do armazém, assalariado a quem regateiam o escasso pão! Tens força para trabalhar? tens competência? sabes do teu ofício? levaste anos e anos a formar-te? a adquirir a instrução profissional? és hábil? desembaraçado? inteligente? tens saúde?

Nada disso te garante o pão, porque... não há trabalho!

Que torturas lancinantes tu passas vendo os teus filhos famintos, tua mulher feneceendo lentamente pelas privações sofridas; e tu... sentindo o aguilhão da fome e espicaçar-te as entranhas... e no coração, o espinho agudo da cruciante dor moral...

— Mas (gritavas, tu, aflito) eu posso trabalhar, tenho saúde e sei do meu ofício!

— Que importa? não há trabalho...

— Porém (retrucavas) porque morremos nós ao desemprego, nós que não pedimos *sem* trabalho? e isto quando há tanta gente que não come, que não tem que vestir, a quem falta onde abrigar o gelado corpo contra as intempéries e quando nós podemos fabricar essas vestes, produzir esses alimentos, levantar esses prédios? quando há tanta gente descaída e nós sabendo fabricar o ardo-lavor dos campos? Sim! porque morremos nós à minguia de tudo, vítimas da fome e do frio, quando se inutilizam fabulosas somas de comestíveis? tão consideráveis quantidades de produtos, de tecidos que nos abriguem, de géneros que nos alimentem? Sim! Porque, propostamente se queimam, se destroem por todas as formas, quantidades e quantidades de tudo quanto a indústria, o saber humano podem produzir quando nós, famintos, nus, sem pão, sem lar, sabendo produzir tudo quanto a vida necessita e tendo vigor nos músculos, não podemos aplicar o nosso saber e não nos é permitido comer na mesma ocasião em que tanto e tanto se desperdiça e propostamente se estraga? Sim! Porque?

— Escusas de estar com reflexões miseráveis, vil assalariado. Tens de morrer, de tudo *cercado*, porque assim é preciso para uma minoria poder gozar de tudo! A matéria prima abunda; os produtos não faltam; a ciência no seu incessante progredir, aumenta fabulosamente os meios de produção para que nada falte ao homem e contudo... tu morres de inanição! Que queres? Há de morrer estiolado porque a tal minoria deve viver na plebeira da abundância...

— Porém! nesse caso, (regougarás tu) vamos roubar a fim de podermos alimentarmos-nos sem que essa minoria deixe de ter sustento também. Trabalhe-la como nós temos trabalhado e terá assim direito à vida. Não lhe negaremos esse direito; mas exigimo-la para nós igualmente. E pois que na actualidade somos expoliados do que custamos ao nosso trabalho, bem é que hoje, que estamos a cair de fome, lancemos mão do que produzimos e outros escais truindo!

— Atrave-se a isso, *desprezível* bicho e verás todo um bando de moralistas e de boas almas tementes a Deus, cair-te em cima, eslaçar-te o corpo com o suplicio do castigo e torturar-te o sentimento com o requintado martírio moral de mil preconceitos sociais, de dolosas concepções.

Pois que julgas? Pensas que basta ter o direito à posse do que produziste? E' indispensável ter a consciência da força! Enquanto não a tiveres, é crime só o pensares em tomar uma parcela do que a tal minoria goza à tua custa, quanto mais levaras à prática um pensamento desses!

Não me calo! gemo, definho-te e morro ao desemprego.

— Ou então sim! olha para ti mesmo! repara que tens a força! une-te aos teus pares no infortúnio! e verás como já não será crime o que fizeres! verás como essa minoria se abastardará, verás como o edifício social se desmorona: uma nova moral se estabelece e a justiça campeará ovante! Olha para ti! olha para ti! assalariado! repara que tens a força! Educa-te e usa dela!

José Carlos de SOUSA

Luta de classes

Corticeiros de Evora

Encontram-se em greve os operários corticeiros de Evora. Baseiam-se as suas reclamações no facto de há cerca de dois anos, a pretensão de que o custo da vida baixava, lhes terem sido reduzidos os salários em 20 por cento.

Os operários corticeiros pretendem recuperar o que lhes foi reduzido e o patronato apenas lhes concede um aumento de 5 %.

Chegou ontem a Lisboa, vindo de Evora, um delegado do Sindicato Corticeiro de Evora que vem tratar do assunto junto da Federação Corticeira.

A guerra social no estrangeiro

Os prejuizos da greve mineira inglesa

LONDRES, 25. — O director dos correios declarou que a sua administração sofreu uma diferença de 1.250.000 libras nas suas receitas, em consequência da greve dos mineiros do carvão. — (L.)

Patrões subversivos...

BERLIM, 25. — Os proprietários das fábricas de tecidos das cidades de Gera e de Grei, declararam o «lock-out» em consequência da greve parcial proclamada pelos operários. — (L.)

Queda de uma bicicleta

No Banco do Hospital de S. José, recebeu curativo e foi para casa, Alberto Moreira, de 16 anos, estudante, residente no largo do Galvão, 6, tido, em Alcanena, caiu de uma bicicleta, ficando ferido no rosto e cabeça.

Secção telegráfica

Federações

CONSTRUÇÃO CIVIL

Sindicato da C. Civil de Coimbra. — Recebemos vale de correio, segue ofício e recibo.

Vida Sindical

C. G. T. Conselho Confederal

Para continuação dos trabalhos reúne hoje, pelas 21 horas, o Conselho Confederal.

Comunicações

Federação Metalúrgica. — O Conselho Confederal, reunido ontem, ocupou-se da atitude dos seus delegados ao Conselho Confederal, e após ponderada discussão sobre a questão que lhe deu origem, aprovou a seguinte moção:

«Considerando que a Federação Metalúrgica em Portugal se mantém integrada nas deliberações dos congressos realizados em que se tem pautado a orientação sindicalista revolucionária;

Considerando que numa reunião efectuada por organismos federativos e aderentes a C. G. T. foi deliberado, e sancionado no Conselho Confederal de 24 de Agosto do ano corrente, substituir esse Conselho por novos delegados;

Considerando que no novo Conselho Confederal tomaram assento indivíduos que tiveram activa preponderância no último conflito, a Federação Metalúrgica, em reunião do seu Conselho Confederal em 25 de Novembro de 1926, resolve:

1.º Aceitar como boa a atitude dos seus delegados no Conselho Confederal e manter a retirada dos mesmos;

2.º Procurar a inteligência entre as Federações e demais organismos que tomaram a deliberação da constituição do novo Conselho Confederal.

Compositores Tipográficos. — Reuniu a direcção que tomou conhecimento de vários assuntos de interesse para a classe, resolvendo realizar uma assembleia geral na próxima quinta-feira, 2 de Dezembro. Tendo os delegados à Federação do Livro e do Jornal e Similares pedido instruções acerca da posição a tomar no conselho confederal, foi-lhes indicada a conveniência de proporem uma nova reunião das comissões administrativas das Federações.

Corticeiros de Lisboa. — Reuniu em assembleia geral. Lida uma circular do Comité Pró-Presos por Questões Sociais resolveu-se dar todo o apoio e fazer-se representar nas conferências que o mesmo comité vai realizar. Foi apreciado o relatório moral e financeiro dos delegados ao congresso dos Sindicatos de Lisboa, sendo aprovado. Mais resolveu propor à Federação que os delegados ao Conselho Confederal proponham a diminuição da cota confederal. Sobre a circular da Federação Corticeira referente à crise de trabalho resolveu-se tratar noutra reunião o assunto e preparar a classe para esse fim.

Foram depois nomeados os delegados à C. S. T. e a fiscal para o mês futuro.

Apreciaram a circular da comissão central de auxílio a Silveiro dos Santos, resolvendo nomear uma comissão local, angariadora de donativos para aquele camarada, que ficou composta por Eduardo Braga, João dos Santos, Francisco Palmilhas, Maurício Antunes, José António Cabral e Francisco de Almeida.

Esta comissão reúne-se hoje, às 21 horas, para dar início aos seus trabalhos.

Corticeiros de Almada. — Em reunião da assembleia geral ante-ontem realizada, foi largamente apreciada a atitude ultimamente assumida por alguns industriais da pequena fabricação e assim como de alguns operários que na mesma trabalham.

Resolveu a assembleia que a comissão administrativa insista com esses operários para que desistam imediatamente dos seus propósitos. Apreciada a circular da Federação, foi resolvido dar todo o apoio à mesma, para que consiga a materialização da reclamação entregue ao actual governo.

S. U. C. Civil. — Rectificação. A nota que ontem publicámos, atribuindo-a ao conselho técnico deste Sindicato, é da responsabilidade e autoria da secção sindical da Construção Civil de Belem. A parte deste lapso, todo o conteúdo da nota ontem publicada está conforme.

Convocações

REUNEM HOJE:

S. U. da Construção Civil. — Secção Profissional dos Pedreiros. — Pelas 20 horas, assembleia geral para tratar de vários assuntos em segunda convocação, reunindo com qualquer número.

Operários da Casa da Moeda. — Pelas 17 horas, a comissão administrativa a-fim de tratar de importantes assuntos.

A mesma hora devem comparecer todos os delegados nomeados na última assembleia geral para fazerem parte da comissão técnica e de melhoramentos, a-fim de tomarem posse.

Litógrafos e anexos. — Pelas 18 horas, a comissão administrativa, para tratar de assuntos importantes, devendo comparecer também a Comissão de Propaganda e Educação, a-fim de reunirem conjuntamente.

A mesma hora todos os delegados de oficina, devendo trazer os verbetes da cotização. Os delegados à C. S. T. também devem comparecer para tratar de assuntos importantes.

Federação do Livro e do Jornal. — Pelas 21 horas, o conselho confederal para, entre outros assuntos, apreciar a posição que os seus delegados tomaram na última reunião do Conselho Confederal.

Litógrafos. — Pelas 19 horas, a comissão administrativa.

Manipuladores de Pão. — Pelas 15 horas todos os camaradas que o possam fazer devem vir ao sindicato para distribuição de manifestos referentes à festa da inauguração da nova sede que se realiza no domingo.

DIAS PRÓXIMOS

Federação Corticeira Nacional. — Reúne no próximo domingo, na sua sede em Mutela, o conselho confederal pelas 11 horas, para tratar de assuntos de grande importância.

Confeiteiros, Pastelheiros, Chocolateiros e Anexos. — Amanhã a assembleia geral, às 21 horas, com a seguinte ordem dos trabalhos: Balanço do 2.º trimestre e apreciar a situação económica da classe e outros assuntos de interesse para a mesma.

Manufactureiros de Calçado. — Reúne amanhã, pelas 21 horas, a assembleia geral.

Juventudes Sindicalistas

Federação. — Para assuntos importantes reúne hoje, pelas 20 horas, o Comité Federal em conjunto com o Secretariado Internacional de Relações.

INTERESSES DE CLASSE

As aspirações dos metalúrgicos de Viseu

O Sindicato é aspiração antiga da classe metalúrgica de Viseu, mas infelizmente ainda por realizar. Os operários metalúrgicos da cidade de Viseu sentem a necessidade de se organizarem sindicalmente. Porém como não se dispõem a fazer um pequeno esforço criando o Sindicato este já não surgirá e a situação económica dos que trabalham nos metais já não melhorará também.

Era este o pensamento nosso durante muitos anos, que traduzia um pessimismo triste.

Felizmente uma nova era se aproxima. O Sindicato dos Operários Metalúrgicos de Viseu vai ressurgir. Mas como? Feito de material velho? Num edifício carunchoso? Parece-nos que feito de material novo.

Parece que inspirado em sãos princípios do sindicalismo, parece que orientado na luta de classes.

O Sindicato Metalúrgico de Viseu vai ser um facto porque se salu da modorra em que todos estavam mergulhados, porque se acordou desse sono letárgico que a própria miséria não domina.

Todos se convenceram que a organização sindical metalúrgica é o único reduto onde os interesses económicos dos que trabalham podem ser defendidos.

É desse convencimento salu a ideia que vai materializar-se — essa ideia que dará aos metalúrgicos uma parcela de bem estar.

Viseu, 24-11-1926. — Gilberto de Carvalho.

Uma postura municipal

sobre as carroças de mão

Na reunião da comissão administrativa da Câmara Municipal de Lisboa ontem efectuada o vogal sr. Mardel Ferreira apresentou a seguinte proposta, que obteve aprovação unânime:

«Tendo-se verificado que alguns proprietários de carros denominados de mão, para transporte de mercadorias, exigem dos seus empregados, que exercem a sua actividade na condução desses veículos, o transporte de pesos manifestamente superiores às suas forças, o que constitui uma flagrante desumanidade;

Considerando que tais factos, além de constituírem um barbarismo, dão aos estrangeiros que nos visitam a impressão de que os portugueses ainda se encontram no estado de atraso dos tempos primitivos da idade pré-histórica e que nem ao menos têm sabido aproveitar as lições de povos civilizados;

Considerando que